

O ALPHITOBIUS PICEUS

Fernando Marques Lima

(Docente Livre e Assistente de Parasitologia
da Faculdade de Medicina da Universidade
da Bahia)

Em 1939, sob a orientação do Prof. Barros Barreto, catedrático de Parasitologia, intensificámos nossas atividades sobre o estudo da Moléstia de Chagas na Bahia, o que hoje é uma evidência sobre que nem se discute. E, na faina da pesquisa, fizemos uma excursão pelo sertão baiano, de que fomos além de Itaberaba. Desta viagem, trouxemos várias dezenas de triatomídeos, em diferentes fases da evolução, devendo-se a Ipoeiras, logarejo de poucas casas, o maior número de exemplares. Sacrificámos uma porção desses insetos, a procura de esquizotripanos. Não obstante a negatividade dos exames praticados, queríamos ter imunes, e em quantidade abundante, exemplares criados sob nossa assistência, para fins de xenodiagnóstico. Para isso mandámos fazer criadouros de vidro, com estrado interno de madeira e tampa de tela fina de arame. Mas, deu-nos de desconfiar o número diminuto de descendentes, a contrariar o preceito clássico no tangente à reprodução de triatomídeos, ainda porque proporcionávamos-lhes alimentação semanal e farta, em cobaios. Certa feita, quando removíamos as fezes de cobaio e a camada superficial da areia com que enchíamos o fundo dos criadouros, notámos a existência de um coleóptero de pequeno porte que se infiltrava areia a dentro, à percepção da luz, do mesmo modo que notávamos lepidópteros tamaninos que esvoaçavam. Acurando-nos na observação do meio, notámos membros de triatomídeos de diversas idades, destacados dos respectivos corpos e, também, corpos perfurados de que só restavam carcassas. Outrossim, fragmentos de ovos eram observados, não obstante com dificuldade. Consegui-

mos recolher algumas dezenas de exemplares do coleóptero e, examinados, chegámos à conclusão de tratar-se de um heterômero da Superfamília *Tenebrionoidea*, Fam. *Tenebrionida* o *Alphitobius piceus* (Oliv., 1792), pois suas características correspondiam a descrições como a redescrições (Gregório Bon-dar):

“Uniformemente castanho escuro, mais avermelhado do lado ventral, achatado, ligeiramente convexo no dorso, glabro, densa e finamente pontilhado em tôda a superfície, luzente. Cabeça achatada, marginada por extensa lâmina, encobrendo as mandíbulas e a base das antenas e dividindo os olhos em duas metades: dorsal e ventral; lados arredondados, ápice sub-reto, deixando o labro e palpos descobertos; superfície densa e finamente pontilhada; cabeça aproximadamente tão larga como a metade do corpo, pouco mais curta do que o pronoto. Mandíbulas curtas, pouco incurvadas, ligeiramente bífidas no ápice. Antenas de II segmentos, segmento basal pouco mais grosso e longo, o segundo curto e ligeiramente pediculado, o terceiro quase do comprimento do basal, cônico, cêrca de duas vêzes mais longo do que largo, 4-6 curtos, turbinados, sub-iguais; 7-10 progressivamente mais largos, serrilhados na frente; segmento apical curto, arredondado, finamente piloso; comprimento total da antena sub-igual ao do pronoto.

Protórax transversal, base bisinuosa, lóbulo largo, pouco saliente; ângulos basais subretos; bordos laterais arqueados, convergentes para a frente; margem apical largamente côncava; margens acompanhadas por um sulco finíssimo, formando uma estreita carena no bordo.

Escudo trapezoidal, curto, mais largo na base.

Élitros com ombros obtusos, alargando-se no quarto dianteiro, para atingir a largura do pronoto; em seguida sub-parallelas, ápice conjuntamente arredondado. Dorso levemente estriado; intervalos densa e finamente pontilhados. Patas curtas; fêmures grossos; tíbias do par dianteiro ligeiramente arqueadas, mais grossa para o ápice, espaçadamente serrilhadas na face dianteira, esparsamente pilosas na face interna apical; ápice com dois espinhos fortes. Tarsos basais curtos; o úl-

timo longo, cilíndrico, terminado em duas unhas livres, divergentes. Patas medianas com as tíbias menos alargadas; as posteriores com as tíbias mais longas, lineares, delgadas, terminadas como no par mediano, por dois pequenos espinhos.

Comprimento de 5,8 a 6,2mm. largura cêrca de 2,8mm."

Os ovos são praticamente microscópicos, escuros, e, embora depostos aproximados são isolados uns dos outros.

A larva (melolontoide) quando nova é esbranquiçada e cilíndrica, com segmentos portadores de pequenos espinhos laterais e dotada de fortes mandíbulas. A proporção que se desenvolve vai tomando uma nuança amarelo queimado. Alcança em comprimento 10mm, e mais até, o que representa o dôbro do adulto.

Ciclo: O adulto pode depor nos logares mais diversos. Notamos, porém, a sua preferência pelos lóculos, vêzes feitos por êle próprio. Na ausência de lugar melhor, deposita os ovos, numa média de 15 a 30 de cada postura, nas camadas superficiais da areia. A fêmea, quando em tempo de postura, apresenta o ovopositor bastante entumescido, o que se nota com olhos desarmados, sem dificuldade e serve de meio prático na distinção do sexo. Na temperatura ambiente, dentro de 8 a 12 dias a larva se liberta do ovo. A larva é quase alva, mole e irrequieta. A proporção que cresce, escurece até amarelo queimado. Se encontra areia ou flocos de algodão, faz túneis em que permanece quando não se está locomovendo à cata de alimento. A medida que se desenvolve, larga 2, 3 e até 4 exúvias, conforme o meio seja ou não favorável. Atingido seu acme de desenvolvimento, abriga-se numa das perfurações do meio em que se ache. Contrai-se. Imobiliza-se. Reveste-se de uma película fina e muito alva. Raras vêzes isso sucede ao desabrigo. Passam muitos dias, quando já inseto alado rompe o revestimento pupal e se desvencilha. É o ímago. É de tom pardo avermelhado e de dimensão variavel. Depois de alguns dias' vai escurecendo e atinge tamanho definitivo. A influência do meio e a alimentação são de grande importância na extensão do tempo em que se processa o ciclo completo, que se pode desenvolver de 2 a 4 meses.

O número de posturas pode ir a seis para cada exemplar fêmea. A longevidade do inseto pode alcançar muitos meses.

Nossas culturas foram feitas em placas de vidro de tipos que permitissem observação ao microscópio. Assim foi que improvisámos janelas na parte superior que protejemos com tela de arame de malhas finíssimas, cujas bordas fixámos com esparadrapo. Podíamos assim observar através do vidro e proporcionar ventilação, em que o inseto é até pouco exigente. Dentro dos vidros púnhamos uma camada de areia e um pedaço de algodão onde pudessem preparar orifícios.

A alimentação era de triatomídeos de 3 espécies: **megistus**, **sordida** e **prolixus**. Os "barbeiros" eram entregues em diversas fases da evolução, de ovo inclusive. Quando oferecíamos insetos mortos ou ovos, o ataque se fazia imediatamente e os consumiam com extrema voracidade. Quando porém proporcionávamos-lhes insetos vivos, nem sempre o ataque era imediato. Notámos sua preferência pelas ninfas já desenvolvidas e alimentadas. O ataque por vèzes começava pelos membros que os coleópteros cortavam com suas possantes mandíbulas; outras vèzes agrediam o abdômen que perfuravam, esgotavam e onde depois passavam a morar.

O coleóptero é praga de sementes oleaginosas mas, em virtude do que observamos, adianta estudar-se o seu comportamento, quando livre, em função dos transmissores da Moléstia de Chagas. Será um inimigo natural, mesmo que apenas dos ovos de triatomídeos?

Se os estudos que fizermos ainda, levarem-nos a tal conclusão, não será demasia que o elevemos a uma arma eficiente na profilaxia da M. de Chagas. Bastaria então a sua criação sistemática nas zonas endêmicas já que um casal apenas, poderá proporcionar bilhões de descendentes em menos de um ano. Sobreleva considerar a facilidade com que são cultivados, sua responsabilidade relativa como praga de vegetais. E, ainda, a sua imunidade aos esquizotripanos, pois, alimentam-se com êstes animais infectados e não contraem a infecção.

DESCRIÇÃO DAS FIGURAS

Fótha I

FIG. 1 — Placa para pequena cultura.

Dish for small culture.

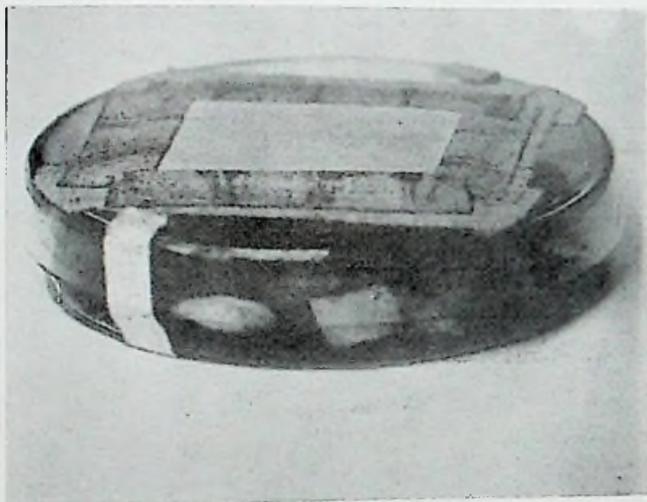


Fig. 1

Fôlha II

FIG. 2 — Dispositivo para grande cultura.

Device for large culture.

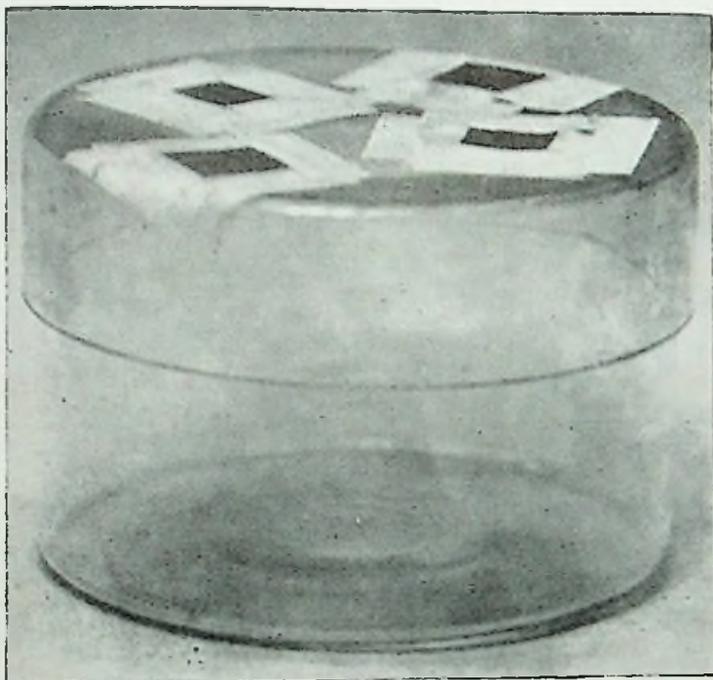


Fig 2

Fôlha III

FIG. 3 — Uma Colônia de *Alphitobius piceus*.

A colony of *Alphitobius piceus*.

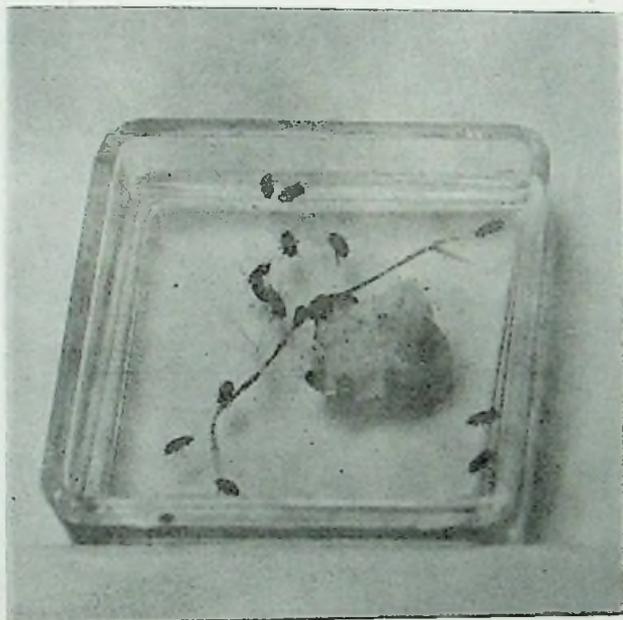


Fig. 3

Fólia IV

FIG. 4 — *A. piceus* agredindo uma ninfa de triatomídeo.

A. piceus attacking a Triatomidae nymph.



Fig. 4